
Documentário Audiovisual

Festividades Ciganas: Costumes e Tradições de um Povo Excluído¹

Amina Carneiro FREITAS²
Leandro de Bessa OLIVEIRA³
Universidade Católica de Brasília, Brasília, DF

RESUMO

O foco deste projeto é conhecer as tradições do povo cigano, dando ênfase às suas festividades. O objetivo geral é produzir um documentário audiovisual que aborda as suas festividades, com seus hábitos e costumes diferenciados, representando o cigano como um cidadão integrante da sociedade. Quanto à metodologia, além da revisão bibliográfica, foi realizada uma pesquisa de campo com uma abordagem qualitativa, optando pela etnografia. Na pesquisa foi produzido um documentário, que se aproxima do modelo observativo, em formato de vídeo, que será exibido num canal do Youtube. Os participantes compõem o grupo cigano *Camino Gitano*, no Distrito Federal. Os resultados da pesquisa apontaram que os ciganos têm uma longa história de exclusão, que permeou por todos os anos e lugares por onde passaram, que deve-se, principalmente, ao desconhecimento dos aspectos culturais da sua organização social.

PALAVRAS-CHAVE: documentário; cultura; ciganos; festividades.

TEXTO DO TRABALHO

Este trabalho tem como foco conhecer os costumes e as tradições do povo cigano, dando ênfase às suas festividades, ocasião em que todos os atores dessa comunidade se reúnem para fortalecer sua cultura.

Desde a minha infância, aprendi a apreciar a cultura cigana, pois, meu tio, Marcos Kleyton tinha uma grande admiração pelos ciganos, usando as vestimentas e ouvindo sempre as músicas do grupo da década de 90, Gipsy Kings, que até hoje faz muito sucesso no Brasil. Com o tempo, aprendi a gostar dessa cultura peculiar e descobri o quanto é rica e extensa. Participei de apresentações e festas que me fizeram compreender o quanto são valiosas culturas diferentes das nossas.

Como fotógrafa, pude capturar imagens fascinantes desses eventos, valorizando os movimentos das danças, das saias rodadas e esvoaçantes, dos leques que davam

¹ Trabalho apresentado na IJ 02 – Publicidade e Propaganda do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 13 a 15 de junho de 2018.

² Recém-graduada do Curso de Comunicação Social – Publicidade e propaganda da UCB, e-mail: aminacfreitas@yahoo.com.br.

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social – Publicidade e propaganda, e-mail: lbessa.arte@gmail.com.

equilíbrio ao corpo e as faíscas do fogo, que clareavam sutilmente o ambiente escuro, deixando as pessoas confortáveis para dançar sem constrangimento.

Na dança, olhavam para o céu estrelado e transmitiam a sensação de estar descobrindo o verdadeiro motivo de estarem vivos. Não era apenas dançar ao redor da fogueira. Conseguiram compartilhar o sentir do calor, a melodia e a sensação de leveza, que em nossa rotina agitada e cansativa, acabamos esquecendo. Tudo tinha uma harmonia cativante, envolvendo todos num só sentimento: a liberdade de expressão. Ali não existia julgamentos. As pessoas eram quem elas queriam ser. Não se tratava apenas de roupas e músicas, mas sim do contexto profundo das festividades que são realizadas.

A vida dos ciganos é baseada na tradição oral. A oralidade é o principal meio de transmissão dos conhecimentos entre eles. Suas histórias, costumes e regras de comportamento são passados de geração em geração, dos anciões aos mais jovens.

Os ciganos têm uma longa história de exclusão, que permeou por todos os anos e lugares por onde passaram. Os poucos registros escritos foram armazenados pelos não ciganos. Com o passar dos anos esses ciganos perderam suas características de nomadismo, considerado um forte traço desse povo, tentando cumprir seu papel de cidadão perante a sociedade.

Diante do exposto, a ideia do documentário foi criada para apresentar o cigano como cidadão, com sua cultura diferenciada, porém que deve ser respeitada, um ser integrante da sociedade com seus próprios hábitos e costumes, além de expor como são realizadas as festas ciganas. Este projeto se faz necessário para desconstruir essa visão equivocada, provida supostamente pelo desconhecimento acerca dos ciganos.

Desta forma, apresenta aos telespectadores, um documentário, que se aproxima do modelo observativo, porém com trilha sonora, em formato de vídeo, que será exibido num canal do Youtube⁴, com as festividades ciganas e suas principais tradições, tendo como base a abordagem metodológica qualitativa, fundamentada na pesquisa de campo, por meio de um estudo etnográfico. Os participantes da pesquisa compõem o grupo cigano *Camino Gitano*, no Distrito Federal. As visitas ao grupo foram realizadas, após prévio agendamento, em suas devidas festividades culturais.

Com uma abordagem qualitativa, que permite discutir os fenômenos sociais de forma mais complexa, optei pela etnografia, a qual compreende “o estudo, pela

⁴ Disponibilizado em < <https://youtu.be/giX4mDpIBmE> >

observação direta e por um período de tempo, das formas costumeiras de viver de um grupo particular de pessoas: um grupo de pessoas associadas de alguma maneira, uma unidade social representativa para estudo, seja ela formada por poucos ou muitos elementos”. Segundo Matos (2011), neste estudo, o objetivo é documentar e encontrar o significado da ação do cotidiano dos grupos sociais ou das pessoas (p. 50).

A coleta dos dados foi registrada em diário de bordo, com descrição dos participantes, narrativas pessoais espontâneas, comportamentos, relacionamento entre os pares, fatos, e, imagens. A apresentação e a análise dos resultados foram feitas com base na fundamentação teórica e nos objetivos propostos.

O objetivo geral desta pesquisa é produzir um documentário audiovisual que aborda as festividades ciganas, com seus hábitos e costumes diferenciados, representando o cigano como um cidadão integrante da sociedade. Para tanto alinhei os objetivos específicos: descrever a cultura de um povo excluído pela sociedade; apresentar o aspecto histórico sobre os ciganos; ressaltar a relevância das festividades ciganas na sociedade e apontar a importância do reconhecimento do povo cigano.

1 Documentário Audiovisual

O vídeo documentário é um gênero usado nas produções audiovisuais, que pode representar algum fato ou acontecimento, analisando a realidade e oferecendo uma extensão interpretativa. É considerado um estágio evolutivo do telejornalismo. Apesar disso, é pouco usado no jornalismo no Brasil e está mais presente nos cinemas. Além de definições, conceitos e explicações variadas, dentre os pesquisadores é comum o aspecto pessoal do documentário sobre determinado assunto. Essa característica traz para o jornalismo algo mais particular, deixando de lado a perspectiva impessoal.

Fernão Pessoa Ramos (2008), autor do livro intitulado “Mas afinal... O que é mesmo documentário?” conceitua os documentários audiovisuais da seguinte forma:

“Em poucas palavras, documentário é uma narrativa com imagens-câmera que estabelece asserções sobre o mundo, na medida em que haja um espectador que receba essa narrativa como asserção sobre o mundo. A natureza das imagens-câmera e, principalmente, a dimensão da tomada através da qual as imagens são constituídas determinam a singularidade da narrativa documentária em meio a outros enunciados assertivos, escritos ou falados” (RAMOS, 2008, p. 5).

De acordo com Bill Nichols (2012), professor de Cinema de San Francisco, EUA, no que se refere aos espectadores, na maioria das vezes, os mesmos não possuem conhecimento sobre determinados assuntos que são tratados nos documentários, que apresentam temas importantes do mundo, como questões sociais ou debates. Segundo o

acadêmico, o que é mostrado nos documentários pode ter um efeito significativo nos seus espectadores. “O documentário nos leva a uma experiência única, com os sons e imagens organizados de tal forma que representa mais do que simples impressões passageiras. Passa a representar conceitos abstratos, e de acordo com a bagagem cultural do espectador se terá um determinado ponto de vista que pode ser ou não o que se quis expor.” (NICHOLS, 2012, p. 98)

Sérgio Puccini (2009), professor de Cinema e Audiovisual na Universidade Federal de Juiz de Fora, segue a mesma linha de raciocínio de Nichols (2012), caracterizando o documentário como forma de apresentar acontecimentos com cenários reais, diferente da ficção. “Trata efetivamente daquilo que ocorreu, antes ou durante as filmagens, e não daquilo que poderia ter acontecido”. (p. 24). O documentário pode ser um meio de comunicação importante para a observação de acontecimentos na sociedade, levando os espectadores à reflexão dos temas referentes ao mundo.

Existem muitas produções audiovisuais que abordam assuntos polêmicos com o objetivo de mostrar à sociedade e transmitir conhecimento através de imagens e roteiros reais. O documentário brasileiro *Estamira*⁵ é um exemplo de produção que mostra que a sociedade classifica as pessoas em grupos minoritários, excluindo-os de seus direitos de cidadãos, pois vivem na miséria. Esse documentário aborda a vida de uma senhora de 63 anos que sofre distúrbios mentais e vive no lixão do Rio de Janeiro, onde mostra que esses indivíduos acabam sendo esquecidos pela sociedade e não tem oportunidade de trabalho. *Estamira* representa milhões de pessoas que disputam o lixão, lutando para viver. Essas pessoas são vítimas do capitalismo, pois existe uma desconstrução social. A desigualdade e a exclusão são fatos consequentes da pobreza, são atos desumanos feitos pelo próprio homem. Há uma semelhança no documentário *Lixo Extraordinário*⁶, onde o artista plástico, Vik Muniz⁷, em outra perspectiva, retrata seu envolvimento com catadores do lixão, apresentando a realidade de pessoas que vivem em condições críticas, tanto de pobreza quanto de saneamento. A desigualdade social é evidente nas cenas dessas produções audiovisuais.

1.1 O documentário Audiovisual Brasileiro

⁵ ESTAMIRA. Direção: Marcos Prado. Rio de Janeiro: Riofi me/Zazen, 2004

⁶ LIXO EXTRAORDINÁRIO. Direção: Lucy Walker e João Jardim. Rio de Janeiro: Almega Projects; O2 Filmes, 2011

⁷ Artista plástico brasileiro, fotógrafo e pintor, conhecido por usar materiais inusitados em suas obras, como lixo, açúcar e chocolate.

No Brasil o documentário sofreu diversas mudanças com influências do que acontecia na Europa, e também com a política nacional. A jornalista Vanessa Zandonade (2003) explica que as primeiras produções de documentários foram feitas pelos donos das salas de exibição do cinema, como registro da realidade que viviam e para entreter o público. As primeiras produções no Brasil surgiram na década de 20, como as do alemão Eduardo Hirtz⁸, considerado o pai do cinema gaúcho e produziu documentários de 1907 a 1915, baseados na atualidade e apresentados como complementos em suas casas de cinema.

Ao longo dos anos, com as influências norte-americanas, italianas e russas as produções foram se inovando, deixando de lado as influências clássicas e dando origem ao cinema moderno, avançando para uma nova geração de cineastas (ALTAFINI, 1999). Neste meio tempo destaca-se, no início dos anos 60, o diretor baiano Glauber Rocha⁹ trouxe o movimento Cinema Novo¹⁰ com uma nova linguagem chamada de “estética da fome”, que caracterizava a os documentários pela falta de condições e recursos.

Atualmente os documentários ganharam maior espaço e participam de grandes eventos culturais e cinematográficos. Mesmo com todas as inovações, os autores ainda se voltam ao Cinema Novo e resgatam suas características, como a linguagem descontraída para relatar a realidade social do período, trazendo o tema para o povo brasileiro e a cultura popular.

O jornalista Antônio Brasil publicou um artigo intitulado “Eles se recusam a morrer” no site Observatório da Imprensa¹¹, onde afirma “os filmes documentários, com sua tradição centenária de independência e mobilização política, não poderiam ficar indiferentes aos acontecimentos da nossa época.” (2003, p.1)

1.2 Os tipos de Documentários Audiovisuais

O documentário possui algumas modalidades que foram evoluindo com o decorrer dos anos, da década de 20 até a de 80. Segundo Nichols (2012), considerado um dos principais pensadores em estudos de cinema nos Estados Unidos, o documentário divide-

⁸ Pioneiro da cinematografia gaúcha, Produziu “O Ranchinho do Sertão”, curta-metragem com Carlos Cavaco, baseado no poema “Ranchinho de palha”, de Lobo da Costa.

⁹ Cineasta brasileiro. Um dos responsáveis pelo movimento de vanguarda intitulado Cinema Novo. Produziu filmes de grande repercussão como “Terra em Transe” e “Deus e o Diabo na Terra do Sol”.

¹⁰ Movimento cinematográfico brasileiro, influenciado pelo neorealismo italiano e pela Nouvelle Vague francesa, com reputação internacional, desenvolvido pelo Cineasta Glauber Rocha

¹¹ Website e programa de rádio e TV brasileiro cujo foco é a análise da atuação dos meios de comunicação em massa no país.

se em seis modos distintos: poético, expositivo, observativo, participativo, reflexivo e performático.

O poético apresenta uma realidade fragmentada, onde não há preocupação com a montagem linear, argumentação, localização no tempo e espaço ou apresentação e caracterização aprofundada dos atores/personagens a apresentar. Este tipo de produção apresenta a realidade como ela é, destacando a integridade formal e estética.

O modo mais conhecido é o expositivo, utilizado principalmente nos telejornais. As imagens são apresentadas visualmente e complementadas com argumentos. O documentário “O Sal da Terra” (2014) é um exemplo do modo expositivo, onde exibe várias imagens com argumentos narrados para explicar fatos.

Sugerindo a participação do documentarista, o modo participativo evidencia seu ponto de vista. Nesse modo utilizam-se entrevistas para enriquecer os assuntos. Dessa forma, o documentarista torna-se um sujeito ativo no processo de gravação/filmagem, pois aparece em conversa com a equipe e motiva o entrevistado a falar. O vídeo “Casas Marcadas” (2012), pode ser classificado como modo participativo.

O modo reflexivo deixa claro para o telespectador quais foram os procedimentos da filmagem, evidenciando a relação estabelecida entre o grupo filmado e o documentarista. Nos filmes com esse modo de representação, percebe-se como é a reação do grupo pesquisado diante da câmera e do seu realizador. Um exemplo é o documentário “Exit Through The Gift Shop” (Banksy, 2010).

O modo performático caracteriza-se pela subjetividade e pelo padrão estético adotado, utilizando as técnicas cinematográficas de maneira livre. A combinação da realidade com o imaginário pode até transformar o documentário em autobiográfico. Como por exemplo, o documentário “Walking the Amazon” (Ed Stafford, 2011).

O documentário “Juízo” (Ramos, 2007) é um exemplo do modo observativo, que não apresenta legendas, nem narrador, sendo composto apenas pela captação de imagens audiovisuais, o documentarista busca captar a realidade tal como aconteceu, evitando interferências que possam dar uma falsa impressão da realidade. Há pouca movimentação de câmera, e não há narração nem trilha sonora. Este modelo foi o escolhido para a produção do documentário, objeto deste estudo.

2 O Povo Cigano

Consultando algumas fontes, percebe-se que os ciganos recebem vários adjetivos. Cada um desses representa a imagem negativa construída pela sociedade ao longo dos

anos. De acordo com acadêmico Fazito (2006), essas representações foram determinadas pela junção do saber científico com os discursos populares. As credências do povo se fortaleceram tanto, de forma que alimentavam jornais impressos da época. Os documentos descreviam o imaginário popular e os estudiosos não se preocupavam em pesquisar quem realmente eram os chamados ciganos.

As informações se baseavam apenas nos depoimentos das pessoas não ciganas e esses dados eram apresentados nas produções acadêmicas, legitimando o preconceito e produzindo estereótipos que permanecem até hoje.

O cigano e pesquisador Nicolas Ramanush (2011), presidente da Embaixada Cigana no Brasil, uma organização não governamental, fundada em 2009, que luta por uma vida justa para os ciganos e fornece materiais para pesquisa, explica que há uma generalização da palavra “cigano”. É comum as pessoas atribuírem a todos os grupos ciganos o que se observou em apenas um determinado grupo. É um julgamento em cima de ideias falsas. Ainda que fossem verdadeiras, cada grupo possui suas características. Os ciganos não podem ser entendidos, portanto, como um grupo homogêneo.

2.1 A Origem dos Ciganos

A história do povo cigano ainda é controversa, principalmente no que diz respeito à origem, em função da escassez de registros escritos e dos poucos existentes, a maioria foi armazenada pelos não ciganos. Uma história de exclusão, em todos os lugares, marcada por uma cultura complexa, com base nas representações, memórias e impressões consolidadas pela sociedade.

As primeiras indicações dos ciganos ocorreram na Antiguidade. Foram encontrados alguns registros nos manuscritos persas do reinado do monarca Bahram Gur, que governou até o ano de 438 a.C.. Após esse período, foram à Pérsia e depois o destino escolhido foi a Armênia.

Segundo a pesquisadora Sílvia Régia Chaves de Freitas Simões (2007), a vida nômade dos ciganos dificultou a determinação da origem social e étnica. Mesmo após muitos estudos ainda não se sabe o que os motivaram a migração e a disseminação por diversas partes do mundo.

De acordo com Simões (2007), outras pesquisas evidenciam que os ciganos também estiveram no Império Constantino. Na passagem por Bizâncio, os ciganos, ao mesmo tempo, eram vistos como ladrões, feiticeiros, magos e com simpatia em função

das habilidades circenses. Em Bizâncio ainda, tiveram os primeiros ensinamentos cristãos.

Simões (2007) afirma que a saga cigana passou por vários países da Europa. Na França, há registros de ciganos nos anos de 1436 a 1442, onde foram expulsos de algumas cidades. Na Espanha, chegaram no ano 1447, lugar em que eram tratados bem pela nobreza. No entanto, em 1499 passaram a ser considerados indesejados em função de um decreto dos Reis Católicos e até mesmo perseguido pelo então Imperador Carlos III.

Em Portugal, apareceram no início do século XVI. Foi o primeiro país a utilizar o nome “cigano”, que até então era “gitano”. Nessa região os ciganos também foram rejeitados e alguns deportados para a colônia africana e depois para o Brasil.

O cigano Nicolas Ramanush (2011), conta que durante vários séculos os ciganos sofreram com as duras leis contra a presença deles na Europa. Foram perseguidos, escravizados e expulsos da maioria dos países europeus. Estima-se que durante a era Hitler, cerca de dois milhões de ciganos foram executados e duzentas e cinquenta crianças ciganas foram usadas como cobaias para teste de um pesticida que seria usado nas câmeras de gás para extermínio dos judeus.

Na América, há duas possibilidades sobre a chegada dos ciganos. A primeira, que vieram na tripulação da terceira viagem de Cristóvão Colombo. A outra é que alguns ciganos condenados vieram fugidos. De acordo com Simões (2007), os ciganos chegaram ao Panamá, na América Central, depois seguiram para algumas cidades da Colômbia e outros lugares desabitados. Na América Latina e do Norte chegaram na metade do século XIX.

Atualmente estima-se que há em todo o mundo aproximadamente sete milhões e quatrocentos e sessenta mil ciganos. Apenas na Romênia tem dois milhões, segundo a pesquisa realizada pela cigana e pesquisadora Ingrid Ramanush (2016) no ano de 2016, nos países com população acima de cinquenta mil ciganos. Em função disso, os números podem ser maiores ainda.

Por conta da imagem que os europeus criaram dos ciganos, ainda hoje permanecem algumas das histórias espalhadas nos tempos antigos. Diversas pessoas desconhecem a verdadeira identidade social e alimentam os estereótipos e principalmente o preconceito.

No Brasil os ciganos não tiveram tratamento diferenciado, os dados disponíveis são poucos, dando ênfase, principalmente, às informações distorcidas pelos próprios

historiados. Segundo o pesquisador Rodrigo Corrêa Teixeira (2008) os ciganos nunca tiveram importância na história, só eram citados quando incomodavam as autoridades.

Em tempo presente, no Brasil, mesmo que demoradas, foram implantadas políticas públicas destinadas a viabilizar melhores condições para os ciganos. Em 2004 foi realizada a IX Conferência Nacional dos Direitos Humanos, destinada a debater novos rumos e possibilidades sobre a diversidade existente no país. Nesse encontro vários ciganos participaram e apresentaram suas reivindicações.

Em 2006, por meio do Decreto de 25 de maio, foi criado o Dia Nacional do Cigano, comemorado em 24 de maio, em referência à Santa Sara Kali, considerada a padroeira dos ciganos. O objetivo é que nesta data sejam realizados encontros para refletir sobre a importância dos ciganos para o Brasil. Os ciganos nascidos no Brasil têm os mesmos direitos dos demais brasileiros. O cigano proveniente de outro país, já naturalizado ou ainda estrangeiro é amparado pela lei 6.815 de 19/8/1980, que rege o Estatuto dos Estrangeiros (BRASIL, 2007).

Com relação aos dados demográficos, de acordo com um relatório emitido pelo Governo Federal, estima-se que a população cigana no Brasil chegue a meio milhão. Foi realizada uma análise pela Associação Internacional Maylê Sara Kali, com base no IBGE de 2011, e constatou que existem 291 acampamentos ciganos, localizados em 21 estados. (BRASIL, 2013).

2.2 A cultura Cigana

A cultura cigana não é homogênea. Cada grupo tem as suas particularidades. Mas podemos afirmar que todos ciganos têm uma característica em comum: passam seus conhecimentos, por meio da oralidade, a cada nova geração. Se antes era uma população perseguida por todo o mundo, hoje, é uma cultura ignorada pela sociedade.

O Brasil é contemplado com os três grandes grupos de ciganos, que apresentam as seguintes características: Os Calon, que vivem em áreas de acampamentos, situadas nas periferias, próximas de lugares com grande fluxo de pessoas. Os homens trabalham com comércio informal, com compra e venda de objetos e as mulheres com leitura das mãos, no grandes centros urbanos (RAMANUSH, 2011).

O grupo Rom ou Roma se organiza em subgrupos, chamados de “natsias”, que significa nações. Nesses subgrupos ainda há subdivisões, denominadas de “vitsa”. As

famílias são bastante numerosas, se constituindo em co-residência, a partilha de uma mesma casa. Cada “natsias” ou “vitsa” apresenta suas especificidades.

O terceiro grupo, denominado de Sinti, é dividido no Brasil em quatro subgrupos. Para esses ciganos a família é fundamental para o desenvolvimento humano. Cada pessoa tem dois nomes: um nome para se relacionar com seus pares e outro para os não ciganos.

Há três momentos importantes para os ciganos: o batismo em água corrente, quando o bebê tem apenas algumas semanas; o casamento, que antes aconteciam na faixa etária de 12 a 14 anos. Em alguns grupos essa idade avançou em função da influência da sociedade. O sexo não é recomendado antes e nem fora do casamento.

Outra ocasião é no funeral. As pessoas se reúnem ao redor do morto e pedem perdão por algo que tenham feito contra aquela pessoa. Não se sabe quando, mas antes a viúva do falecido poderia cometer suicídio para que pudesse acompanhar o marido. Os bens poderiam ser colocados dentro da urna ou serem queimados, quebrados ou vendidos.

Referente à vestimenta dos ciganos, de modo geral, os homens não têm uma roupa tradicional, em alguns grupos, eles usam terno sem gravata, com lenço no pescoço, chapéu, brincos e anéis. As mulheres geralmente usam vestidos ou saias longas e pulseiras, brincos e colares. Porém depende muito da região e do grupo. É comum, os não ciganos construírem estereótipos ciganos. Nesta situação se enquadra inclusive as roupas, como mostram as imagens abaixo:

Sobre a música cigana, Ramanush (2010), explica que originou-se no vale do rio Indon no noroeste da Ásia e ao longo dos anos foi influenciada por várias culturas. Inicialmente os ciganos tinham crença que os ritmos encantados da música curavam algumas doenças e serviam também para pedir a chuva. A partir do século XVI, a música passou a receber também influência da Arábia e dos países por onde os ciganos passavam.

3 Conhecendo o Grupo Cigano *Camino Gitano*, Suas Festas e Danças

Exercendo a profissão de fotógrafa profissional e já tendo realizado alguns trabalhos nos eventos do Grupo *Camino Gitano*, elaborei a minuta do plano de ações e manifestei ao representante do referido grupo a intenção de realizar a pesquisa em epígrafe. Após aceitação para a realização da pesquisa de campo, com prévio agendamento, as visitas se concretizaram na ocasião das festividades ciganas.

As festas ocupam um lugar de destaque entre os ciganos. São consideradas celebrações à vida e expressam significativamente um pouco da cultura dos ciganos. A pesquisadora Luciana Hatmann (2011) apresenta a definição de festa de forma ampla

como “uma variedade de eventos públicos como Carnaval, paradas, concertos, feiras, quermesses, funerais, festas de santos – procissões, competições esportivas, comemorações cívicas e demonstrações políticas e julgamentos” (p. 234, apud GUSS, 2000).

Hatmann (2011) postula que as festas têm um aspecto multifacetado. Desempenham ao mesmo tempo o papel de negar e reiterar a forma como a sociedade se organiza, nomeando o que deve ser lembrado e o que será esquecido. Dentro deste contexto, as festas ciganas expressam o imaginário que os ciganos têm de si mesmos.

O local da realização da pesquisa foi num espaço pertencente a um integrante do grupo *Camino Gitano*, onde as festas são empreendidas, situado nas proximidades do Núcleo Bandeirante, cidade satélite do Distrito Federal. Os participantes da investigação compõem o mesmo grupo, que é formado por pessoas com idades variadas, moradoras na mesma região. Segundo uma cigana, neste grupo tem ciganos Calon e alguns oriundos de outras categorias também.

O cenário da festa era composto por um altar e alguns móveis como mesas e cadeiras construídas a partir de caixotes de pallet. Chamavam atenção os diversos tecidos com estampas florais que enfeitavam as mesas e o altar. Tinham também vários colchoes com almofadas ao ar livre.



Imagem 01 / fotografia: Amina Freitas



Imagem 02 / fotografia: Amina Freitas

No altar tinha a imagem da Santa Sara, a padroeira dos ciganos, com candeias de velas, muitas flores e muito colorido, que segundo Hilknner (2008), representa o processo de purificação e renovação da natureza.

As manifestações de fé eram também por meio de orações e danças em volta da fogueira, momentos que fortaleciam a sobrevivência da cultura cigana. O acendimento da fogueira seguiu um ritual, no qual todos os ciganos ficaram em volta da fogueira e a anfitriã acendeu o fogo.



Imagem 03 / fotografia: Amina Freitas



Imagem 04 / fotografia: Amina Freitas

Sobre as vestimentas, o colorido predominava. Os homens usavam camisa de cetim com mangas largas, colete, calça em brim e em outros tecidos mais confortáveis. Alguns tinham uma faixa ou cinturão amarrados na cintura e outros usavam lenços de cetim também em volta do pescoço. Todos com muitas joias como anéis, cordões de ouro, pulseiras e braceletes. O chapéu também fazia parte do visual masculino.

As mulheres, igualmente, usavam roupas muito coloridas. O figurino era composto de saias longas, muito rodadas, sobrepostas, blusas com babados, coletes xales, fitas, muitas joias, obedecendo às tradições ciganas. Os mesmos trajés se estendiam às crianças e aos idosos ciganos. Alguns convidados não ciganos também usavam a mesma indumentária, porém pelos seus trejeitos era possível perceber que não faziam parte do grupo.

A atenção dos ciganos com suas crianças e idosos era visível. De acordo com Simões (2007), o nascimento de uma criança cigana é muito importante pois significa a constituição de uma nova família e o ciganos valorizam muito esta questão. A criança é símbolo da esperança. O idoso é tratado com muito respeito, é considerado o guardião da tradição, com seus saberes e experiências.

Ao longo da festa, a dança acontecia ao som da música flamenca, entre todos os ciganos, adultos, crianças e idosos. Os convidados participavam contemplando mais essa expressão da cultura cigana. Para Hilkner (2008), como os ciganos têm na tradição oral sua principal forma de registro histórico desse povo, o corpo, com suas vestimentas e danças, pode ser entendido como uma fonte de documentação e informação, “uma memória corporificada” (HILKNER, 2008, p.173).

Na sequência da festa, sucederam algumas apresentações de dança. A primeira foi com as crianças. Com este público não ficou claro se havia algum ritual a ser seguido, pois tinha basicamente um movimento de mãos e saias entre as meninas e os meninos tinham gestos mais simples, no entanto a animação era grande. Na apresentação dos homens, foi utilizado o punhal, que representa o ar e a terra. A dança significa as lutas, disputas e até mesmo a fúria. O punhal simboliza também a purificação das energias e é

usado para tirar o mal e as forças negativas. Na dança das mulheres, as mesmas usavam fitas coloridas, que representam as lágrimas de alegrias e tristezas do povo cigano. No solo da cigana, uma senhora de aproximadamente 60 anos, dançou com leque e vela, que simbolizam respectivamente amor, sensualidade e limpeza.

A seguir foi a apresentação dos homens e mulheres. Os homens se posicionavam de um lado e as mulheres do outro. Todos usavam chapéu. De acordo com a tradição cigana, na dança não há contato físico entre homens e mulheres. Os homens dançavam com braços estendidos, batendo palmas ritmadas e movimentando as pernas para os lados e para a frente. As mulheres balançavam suas volumosas saias longas, em movimentos circulares, sempre com o cuidado de não mostrar as pernas. Quando não balançavam as saias, os braços ficavam levantados na altura da cabeça girando as mãos. “Nós dançamos com a alma. O corpo a e a mente estão juntos” (cigana Juliana).

As relações sociais entre os ciganos na festa eram permeadas de alegria. O ambiente atraente e misterioso instigavam a conhecer um pouco mais sobre o grupo e suas relações com os não-ciganos. Neste círculo de amizade entre os ciganos e não-ciganos imperava a amizade e solidariedade. Percebia um reconhecimento social do cigano, conduzindo a um tratamento sem diferença étnica.

Ao final da festa, todos juntos, a partir de um acordo entre os presentes, ciganos e não-ciganos desmontaram o cenário, partilhando responsabilidades e ajudando uns aos outros.

4 Conclusão

Após finalizar este trabalho, verifiquei que a história desse povo é marcada por estereótipos, exclusão e sofrimento por todos os lugares os quais passou. Muitos obstáculos que os ciganos tiveram, deve-se, principalmente, ao desconhecimento dos aspectos culturais da sua organização social. Em função de ser uma cultura baseada na oralidade, os ciganos não têm registros próprios da sua origem. Os poucos escritos sobre isso se basearam nas pesquisas dos não ciganos.

Embora se mencione a expressão “cultura cigana”, a cultura desse povo é considerada heterogênea, ou pode, ao mesmo tempo dizer “culturas ciganas”, pois os ciganos são divididos em três grandes grupos, e cada um tem subgrupos, com suas especificidades. No entanto algumas características são comuns a todos os grupos como a importância dada aos laços familiares e os ensinamentos que passam dos pais para os

filhos, modo peculiar de se vestirem, as festas, algumas crenças e rituais, entre outros, elementos que fortalecem e mantêm essa cultura.

No Brasil, já existe um aparato legislativo e algumas organizações não governamentais que buscam oferecer igualdade de condições para os ciganos, com o objetivo de lhes proporcionar-lhes uma vida mais digna e reconhecer o povo cigano como patrimônio cultural. Ainda que haja essa preocupação, o povo cigano é ignorado pela sociedade.

Apesar de ser considerada uma cultura ignorada, após a exibição da novela “Explode Coração”, que contava a história de um acampamento de ciganos, os bordões e os artefatos utilizados pelas personagens ciganas atraíram a atenção de muitos espectadores, passando a serem utilizados na vida real, além da popularização da dança cigana.

Os depoimentos espontâneos e as imagens captadas subsidiaram uma melhor compreensão do grupo, confirmando algumas características dos ciganos. Os ciganos consideram as festas como uma celebração à vida, uma maneira de fortalecer a vida em família.

A questão da religiosidade esteve presente na festa, com a imagem da Santa Sara e com manifestações de fé, como orações e acendimento de velas e da fogueira. As vestimentas estavam de acordo com as roupas vistas no referencial teórico, saias rodadas, com muito tecido, coloridas, muitas joias. Toda a festa ocorreu de acordo com as tradições ciganas estudadas ao longo do trabalho.

Espero conseguir levar aos espectadores, com olhar respeitoso, a importância de dar oportunidades ao povo esquecido e excluído e que possam se interessar em conhecer culturas diferentes das que são impostas pela sociedade. Acredito que meu projeto seja uma contribuição para que a sociedade aprenda a lidar com suas diferenças e que saibam reconhecer seus valores.

5 Referências

ALTAFINI, Thiago. **Cinema Documentário Brasileiro: Evolução Histórica da Linguagem**. Piracicaba – São Paulo, 1999.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. **Povo Brasil Cigano: Relatório Executivo I Semana Nacional dos Povos Ciganos**. Brasília: Presidência da República, 2013. Disponível em <<http://www.seppir.gov.br/portal-antigo/arquivos-pdf/relatorio-executivo-brasil-cigano-1> / > Acesso em: 10 mai 2017.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria Especial dos Direitos Humanos – SEDH. **Povo Cigano: o direito em suas mãos**. Brasília: Presidência da República, 2007. Disponível em <<http://static.paraiba.pb.gov.br/2016/05/cartilha-ciganos.pdf/>> Acesso em: 10 mai 2017.

FAZITO, Dimitri. **A identidade cigana e o efeito de nomeação: deslocamento das representações numa teia de discursos mitológicos-científicos e práticas sociais**. Revista de Antropologia. Vol.49 n°. 2, São Paulo Julho/Dezembro 2006. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-77012006000200007&script=sci_arttext>. Acesso em 11 out. 2013.

HARTMANN, Luciana. **Performances culturais: expressões de identidade nas festas da fronteira entre Brasil, Argentina e Uruguai**. Etnográfica, junho de 2011. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0873-65612011000200002> Acesso em: 10 mai 2017.

HILKNER, Regiane Aparecida Rossi. **Ciganos: peregrinos do tempo** - ritual, cultura, e tradição. 2008. 266 f. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas. Campinas. Disponível em <http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/284687/1/Hilkner_RegianeAparecidaRossi_D.pdf/> Acesso em: 05 mai 2017.

MATTOS, Carmen Lúcia Guimarães de. **A abordagem etnográfica na investigação científica**. In MATTOS, CLG., and CASTRO, PA., orgs. *Etnografia e educação: conceitos e usos* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. pp. 49-83.

NICHOLS, Bill. **Introduction to documentary**. Indiana University Press, 2001.
PUCCINI, Sérgio (2009). **Roteiro de Documentário. Da pré-produção à pós produção**. Col: Coleção Campo Imagético 2 ed. São Paulo: Papirus. p. 79. 144 página

RAMANUSH, Ingrid. **Ciganos pelo mundo**. 2016. Disponível em <<http://www.embaixadacigana.com.br/>> Acesso em: 05 mai 2017.

RAMANUSH, Nicolas. **Cultura Cigana, nossa história por nós**. 2012. Disponível em <<http://www.embaixadacigana.com.br/>> Acesso em: 05 mai 2017.

RAMANUSH, Nicolas. **Música cigana, eco de liberdade**. Dialogo - Revista de Ensino Religioso. Fev/abril 2010 N ° 57. p. 15-22.

RAMOS, Fernão Pessoa. **Mas afinal... o que é mesmo documentário?** São Paulo: Senac/SP, 2008. 447p

SIMÕES, Sílvia Régia Chaves de Freitas. **Educação Cigana: Entre-lugares entre Escola e Comunidade Étnica**. 2007. 112 f. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Santa Catarina. Florianópolis. Disponível em <seer.upf.br/index.php/rep/article/view/2043/> Acesso em: 05 mai 2017.

TEIXEIRA, Rodrigo Corrêa. **História dos ciganos no Brasil**. Núcleo de Estudos dos Ciganos. 2008, 127p. Disponível em <www.dhnet.org.br/direitos/sos/ciganos/a_pdf/rct_historiaciganosbrasil2008.pdf> Acesso em: 02 fev 2017.

ZANDONADE, Vanessa; FAGUNDES, Maria Cristina de Jesus. **O vídeo documentário como instrumento de mobilização social**. FEMA. 2003.